



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Justiça e Violência.

GÊNERO E ESPAÇO NA SOCIOEDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO NA UNIDADE DE INTERNAÇÃO FEMININA DE SANTA MARIA – DISTRITO FEDERAL (DF)

Marlúcia Ferreira do Carmo¹

Litza Nery Lacerda²

Júlia Avelino de Freitas³

Gabriel Paiva Rodrigues da Silva de Sousa⁴

Kézia Rebeca Passos da Silva⁵

Resumo: O Projeto de Extensão teve como objetivo proporcionar de forma simples e acessível, por meio de oficinas e do fortalecimento de vínculos entre a equipe de estudantes e as jovens e adolescentes, que cumprem medida socioeducativa na Unidade de Internação de Santa Maria, reflexões e debates acerca do ambiente em questão e das vivências individuais e coletivas das meninas, além disso, foi possível intervir no espaço físico da Unidade, com o intuito de dar voz, autonomia e protagonismo as mesmas. A partir da vivência e aproximação com essa realidade, foram observadas diversas questões relacionadas a lógica da instituição, a rotina diária das meninas e a forma em que elas interpretam tal contexto.

Palavras-chave: Socioeducativo. Oficina. Meninas.

Abstract: The experience of the Extension Project, presented here, aimed to provide to the students of the Social Service course the dynamics of the female socio-educational system of the Federal District. Workshops of art-therapy were held, which aimed to approach and establish links between the team of students and the young people and adolescents in fulfillment of socio-educational measure of internment, as well as the realization of discussions and reflections about the environment of liberty privation, moving between the individual and collective experiences of the girls; in addition, it was possible to intervene in the unit physical space, in order to give voice, autonomy and leadership to them.

Keywords: Socio-educational . Workshops. Girls.

Introdução

I - Origem do Grupo de Extensão:

O Grupo de Extensão: gênero e espaço na socioeducação do Distrito Federal é formado por estudantes do curso de Serviço Social do Uniprojeção – Campus III, Sobradinho – DF, e estudantes do curso de Arquitetura da Universidade de Brasília. Surgiu em maio de 2018, a partir da demonstração dos interesses de algumas alunas (os) de ambos os cursos, em conhecer sobre a maneira como a edificação de uma

¹ Profissional de Serviço Social, Uniprojeção Sobradinho, E-mail: litzaneryl@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Uniprojeção Sobradinho, E-mail: litzaneryl@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Uniprojeção Sobradinho, E-mail: litzaneryl@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, Uniprojeção Sobradinho, E-mail: litzaneryl@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, Uniprojeção Sobradinho, E-mail: litzaneryl@gmail.com.

unidade de internação pode interferir no desenvolvimento das adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa.

A partir do primeiro contato efetuado entre a Coordenação do curso de Serviço Social do Uniprojeção, e dois estudantes: do curso de Serviço Social e da Arquitetura, foram considerados aspectos relativos à complexidade da aproximação com o tema, bem como de autorização para a realização do projeto, junto à Vara de Execução das Medidas Socioeducativas do Distrito Federal (VEMSE-DF), e com a Secretaria de Estado de Políticas para Criança, Adolescência e Juventude, do Governo do Distrito Federal (SEPCAJ-GDF).

Em julho a elaboração do projeto de extensão foi concluída, e encaminhado para a VEMSE-DF, para conhecimento, avaliação, e pedido de autorização para a realização do trabalho de pesquisa-ação, sob a coordenação da Professora Marlúcia Ferreira do Carmo. Enquanto se aguardava a referida autorização judicial, foi iniciado o processo de articulação institucional com os dirigentes da Unidade de Internação de Santa Maria, e da Subsecretaria do Sistema Socioeducativo da SEPCAJ-GDF. Em ambos os espaços institucionais, o projeto de extensão foi apresentado pela docente acima identificada e alunas (os), com abertura para a realização da qualificação da proposta, de forma a considerar aspectos importantes, e destacadas pelos profissionais e gestores.

A proposta de realização do projeto de extensão na Unidade Feminina de Internação de Santa Maria foi avaliada positivamente, sendo acatadas as sugestões dos gestores e equipe técnica. Dessa forma, o projeto foi qualificado, numa perspectiva de aproximação máxima da realidade da medida de internação, parte integrante do sistema socioeducativo do DF, levando em consideração os aspectos relativos a gênero, e ao espaço físico de atendimento, focando os impactos no processo de desenvolvimento das adolescentes e jovens em internação.

Durante o referido período, foram feitos contatos com adolescentes egressas da unidade de internação feminina, como meio de formação das (os) estudantes, bem como realizadas leituras de conhecimento da legislação e política de atendimento às (aos) adolescentes autores de atos infracionais, e em cumprimento de medida socioeducativa. Enfim, simultaneamente à apresentação do projeto às autoridades responsáveis pela gestão e controle do sistema socioeducativo do Distrito Federal, foram realizadas as seguintes atividades de preparação para a imersão em campo, como meio de melhor compreensão daquela realidade e das relações ali

estabelecidas: elaboração do projeto de extensão, negociação junto aos dirigentes do Uniprojeção – direção do Campus III e com o Núcleo de Pesquisa; envio de projeto de extensão e de pedido de autorização de realização, para a VEMSE; diversas reuniões com a direção da Unidade de Internação de Santa Maria; três visitas de conhecimento pelas (os) estudantes à Unidade de Internação de Santa Maria; duas reuniões com a Subsecretaria do Sistema Socioeducativo.

É importante salientar que a partir da terceira reunião com a direção da UISM, foi designada uma Especialista em Arte e Educação, lotada na equipe de atendimento às meninas, para acompanhar o projeto de extensão. A referida Especialista, Thaís Kury, ao admitir o acompanhamento colocou à disposição as suas oficinas junto às adolescentes e jovens, para as (os) alunas (os) realizarem as atividades de aproximação e conhecimento das mesmas. Foram realizadas dezessete oficinas com as adolescentes e jovens durante o período de novembro de 2018 a junho de 2019.

II - A realidade feminina numa unidade de internação mista:

Na **primeira e segunda oficina** denominadas de: Aproximação, verificou-se a abertura das adolescentes e jovens para a realização das atividades. As referidas oficinas foram realizadas em dias diferenciados, uma na horta da instituição, e a outra realizada no anfiteatro. As adolescentes demonstraram satisfação em participar das atividades, e desejo na manutenção dos encontros. Aos poucos, as aproximações entre as adolescentes e alunas (os) pesquisadoras (es) foi ocorrendo de forma lúdica, como meio de estabelecimento de relação de confiança e abertura para as trocas propostas pelas oficinas.

Em relação aos servidores da UISM é possível afirmar que alguns demonstraram resistência, mesmo após as reuniões de sensibilização e de conhecimento do projeto de extensão. Tal afirmação se dá pelas diversas ocorrências de entraves para a realização das oficinas, protagonizadas em especial pelas Agentes Socioeducativas, responsáveis pela segurança das adolescentes e jovens internas.

Uma situação ocorrida no primeiro dia de execução do projeto de extensão, evidencia uma série de dificuldades que se apresentaram ao longo de todo o processo de atuação: a impossibilidade de utilização do espaço do Ginásio, reservado previamente pela Especialista Thaís, para a realização da oficina de reconhecimento corporal. Na ocasião o referido espaço foi ocupado pelos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, que foram escoltados dos módulos masculinos, até o local, para jogarem futebol. Diante do desencontro instalou-se uma situação de conflito

pela utilização do espaço, sendo necessário que a oficina com as adolescentes e jovens fosse deslocada para o anfiteatro. Ficou claro, diante daquele episódio, que havia uma situação de animosidade e de delimitação de poder, a partir da ocupação dos espaços físicos da UISM.

(...) Aguardávamos a Thaís e as meninas para darmos início às atividades da primeira oficina no ginásio da Unidade, os tatames estavam organizados no chão, de acordo com o que foi combinado previamente. Organizamos o som e ficamos à espera das meninas. Após alguns minutos, em média 35 meninos foram trazidos por cinco Agentes socioeducativos, para jogar futebol no campo do ginásio. Esses meninos pensaram que iríamos fazer alguma oficina de dança com eles, e aparentemente, ficaram empolgados com a ideia de fazer algo diferente da rotina. Saímos do local e contatamos a Thaís para explicar que o local havia sido ocupado. A mesma ficou extremamente chateada com o ocorrido e nos informou que tinha ido à escola um dia antes para reforçar que a quadra seria utilizada pelas meninas. Já os agentes, que levaram os meninos, não apresentaram aparentemente nenhuma reação, dando impressão que tal fato é comum no dia a dia da Instituição (Relatório de Oficina N° 1, 2018).

Este contato inicial revelou a existência de uma relação de poder entre os profissionais que compõem a equipe de trabalho da UISM; bem como relações de poder características de Unidades de Internação Mistas, entre os meninos e meninas, no que diz respeito à prioridade de utilização de espaços.

A **terceira Oficina** foi realizada a partir da musicalidade. O espaço reservado na escola não foi viabilizado, pois um adolescente do Módulo masculino havia tentado fuga durante a aula. O ambiente instável impediu o uso do referido espaço. Ao chegarem na instituição, ainda do lado de fora, a equipe de estudantes presenciou o que aparentemente era uma tentativa de fuga de um adolescente. Houve muita gritaria e os profissionais de segurança estavam bastante tensos. Esse episódio atrasou o início da oficina, redirecionando a mesma para dentro do Módulo das meninas. (Relatório Oficina N° 3, 2018).

Diante do novo imprevisto, as atividades foram realizadas no ambiente de convivência do Módulo Feminino. Estavam presentes, como convidadas, três cantoras de Rap, do Coletivo da Batalha das Gurias. “As meninas gostam muito de dançar e algumas cantaram uma música feita por elas mesmas que tinha como tema central a ideia se almejar um futuro melhor e a vontade de se redimir com suas mães”. (Relatório Oficina N° 3, 2018).

Foi perceptível a identificação das adolescentes com o Rap, e a capacidade da música para o fortalecimento da aproximação com elas, e consolidação da relação de confiança.

Na **quarta Oficina** foi trabalhado o mapa do Distrito Federal, para que elas se localizassem no território, por meio da indicação de suas moradias, locais que frequentavam antes da privação da liberdade. Percebeu-se que a rua está muito presente no pensamento e manifestações das adolescentes e jovens, tendo um significado muito forte na vida da maioria. Pelos relatos foi possível perceber que elas costumam transitar bastante entre as Regiões Administrativas do DF, principalmente a noite.

Mostramos outro mapa que diz respeito à renda e a cor das pessoas que moram em cada cidade do Distrito Federal, com o intuito de fazer com que as meninas percebessem a segregação e desigualdade espacial e pontuassem quais locais elas pertenciam, eram aceitas e costumavam transitar. Os lugares pontuados foram regiões administrativas como Ceilândia, Brasília, Varjão. As meninas perceberam as contradições entre o Plano Piloto e as Regiões Administrativas (Relatório Oficina N° 4, 2018).

A questão da desigualdade social, representada pelas regiões de residência e de circulação das mesmas, foi abordada com o intuito de proporcionar maior consciência acerca da disposição de classes sociais, além da forma como esses fatores se apresentam no cotidiano das adolescentes e jovens.

Na **quinta Oficina** a ideia inicial era realizar um passeio pela Unidade com as meninas, para que elas pudessem pontuar as percepções que os ambientes físicos lhes despertavam. Entretanto, ao chegar na Unidade a equipe de estudantes foi informada sobre duas tentativas de suicídio entre as meninas, sendo uma delas participante do projeto de extensão, estando ainda na Enfermaria da UISM. Tal ocorrência fez com que a segurança ficasse sem efetivo para acompanhar a Oficina, no trajeto previamente definido.

Diante das intercorrências habituais, a equipe de pesquisadoras (es) ajustou a atividade programada, utilizando a memória espacial das meninas, que responderam muito bem à proposta.

Segundo depoimentos de algumas adolescentes e jovens, existe um Módulo vazio na UISM, que serve para castigar as meninas, quando as mesmas apresentam comportamento qualificado como indisciplinar. Diante de tais relatos, questiona-se: qual o significado da manutenção de um Módulo para a realização de castigo? Por que tal prática é permitida e, inclusive, ocupa um espaço físico bem determinado?

Outro aspecto que chamou a atenção foram os depoimentos que indicam a prática institucional de recolhimento de todos os materiais que possam se tornar estoques, e utilizados como meio de tentativa de suicídio. A indagação que pairou no ar: não seria mais interessante tratar os motivos que levam às mutilações e tentativas de suicídio

do que, retirar materiais de possam ser utilizados para esses fins, até porque o número de possibilidades para praticar tais ações é incontável. A privação de se frequentar as aulas é um dos castigos recorrentes, apontados pelos depoimentos das adolescentes e jovens.

Em relação às instalações da unidade de internação, as meninas destacaram que imaginavam que ali seria uma casa comum, como a da Unidade de Semiliberdade; outras relataram que pensavam que seria um presídio, com mais grades, do que as que existem naquele ambiente; além de algumas não terem imaginado como seria.

O fato de a UISM ser um espaço de privação de liberdade mista, não implica na convivência entre os grupos. Os adolescentes e jovens ficam em Módulos separados e não tem atividades conjuntas com as meninas, exceto em sala de aula, onde são proibidas de manter interlocução com eles. “A relação das meninas com os meninos é proibida, porém existe. Os Módulos masculinos, em geral, são vistos de forma negativa pelas meninas, entretanto isso muda quando existe algum relacionamento amoroso com algum menino de certo módulo”. (Relatório Oficina N° 5, 2018).

Durante o debate sobre o espaço da UISM, uma das meninas relatou que já tentou fugir e afirmou com muita clareza que tentaria de novo se houvesse oportunidade. Daí, seguem-se outras questões, que povoam os pensamentos inquietos das (os) pesquisadoras (es): Se é um local feito para satisfazer todas as necessidades de um indivíduo em condição peculiar de desenvolvimento, o que está faltando para ela? Por que essa vontade de fugir? Quais são as perspectivas caso essa fuga aconteça?

Na sexta oficina, o grupo de estudantes levou fotos de vários locais da UISM para as meninas visualizassem e em papéis de duas cores distintas, marcassem os pontos negativos e positivos de cada local.

A atividade foi realizada no chão, as jovens foram divididas em dois grupos, cada grupo ficava em uma canga. O primeiro: das meninas que tinham interesse em escrever, o segundo: das meninas que tinham interesse em falar. Essa metodologia foi utilizada para que a atividade abrangesse todas as adolescentes e jovens, tendo em vista que algumas delas não se sentem a vontade para escrever, já que a maioria possui histórico de defasagem escolar.

O intuito do exercício foi observar as percepções delas sobre os diferentes espaços da Unidade, desenvolver um olhar mais crítico sobre tais locais e apresentar propostas de adaptação e melhoria dos mesmos.

Houve um momento que eu estava conversando com as meninas do segundo grupo sobre a área de convivência, quando percebi que elas pararam de falar e passaram a ter um olhar desconfiado, virei para trás e percebi que havia uma agente observando a conversa, o que fez com que as meninas ficassem resistentes a criticar algo sobre aquele local. Pude concluir que a presença de uma agente de segurança enviesa as ações das meninas. (Relatório Oficina N ° 6, 2018)

Após um período de pausa nas oficinas o grupo retornou à Unidade com uma atividade de colagem. A **sétima oficina** consistia em recortar partes de revistas e colar em cima de fotos da UISM, com o intuito delas começarem a refletir sobre as melhores formas e lugares para realizar as intervenções espaciais. O resultado da atividade foi muito satisfatório e as meninas gostaram de imaginar formas de melhorar o ambiente que ocupam.

A proposta da **oitava oficina** foi trazer argila para que as meninas pudessem ter contato com esse material, a maioria não conhecia, e a partir dele fazer jarros do formato, espessura, tamanho que quisessem, estes foram levados ao forno de uma fábrica em Planaltina para que pudessem suportar uma planta, que foi o intuito da confecção dos jarros.

Cada uma ficou responsável por modelar um vaso e foi perceptível o quão terapêutico é mexer com barro. A maioria das adolescentes ficaram compenetradas na atividade e era muito satisfatório ver a insistência que elas tinham em fabricar o melhor jarro possível. (Relatório Oficina 08, 2019)

A atividade proposta para a **nona oficina** foi pensar nos lugares e em quais tipos de intervenções seriam feitas com as adolescentes e jovens.

Foi apresentado pelo grupo de estudantes quatro tipos de intervenções: pintura de piso, pintura de parede, lambe e *stencil*. As meninas foram divididas em quatro duplas e cada uma delas ficou responsável por pensar em um tipo de intervenção, onde ela seria, quais cores seriam utilizadas, quais formas e desenhos.

A **décima e décima primeira oficinas** foram realizadas em parceria com a Gerência Administrativa (GEAD) da UISM, em comemoração ao dia da mulher. Para dar início às atividades da semana da mulher, tendo em vista que um dos temas centrais do projeto é a questão de gênero, os vasos confeccionados pelas meninas foram levados para serem pintados e mudas para serem plantadas. Ao final da oficina, elas organizaram dentro do módulo os quinze vasos na disposição que preferiram e, instantaneamente, foi perceptível a mudança naquele espaço. Algumas instruções foram dadas às meninas no que diz respeito ao cuidado com as plantas.

Foi realizada uma dinâmica e roda de conversa que abordava os temas: feminismo, empoderamento, solidariedade entre mulheres e como fechamento, a equipe de

estudantes e a GEAD preparou um kit que continha maquiagens, sabonete íntimo, creme de pele para presentear as meninas.

Na **décima segunda e décima terceira** foi passado dois documentários afim de debate: *Quando sinto que já sei*, que trata do tema educação libertária e *Malala*, que conta a história de uma jovem paquistanesa que sofreu um atentado por defender o direito das meninas de ir à escola. O que estava previsto inicialmente era o início da fase de intervenção espacial, prevista no cronograma do Projeto de Extensão, essas duas atividades foram organizadas para corresponder à demanda institucional.

Na **décima quarta** oficina o grupo de estudantes estava reduzido, haviam três integrantes incluindo o fotógrafo, por ser o primeiro dia de atividade de intervenção espacial foi conversado com a Gerência Administrativa (GEAD) no intuito de esclarecer mais sobre a atividade e evitar algum desentendimento com a Gerência de Segurança, Proteção, Disciplina e Cuidados (GESEG) e a equipe responsável pelo plantão daquele dia. Essa ação aconteceu pois já era esperado pelos estudantes que a parte de intervenção espacial causaria incômodo e precisaria de uma maior articulação e cuidado para acontecer da forma que foi planejada.

O objetivo da oficina consistia na ação de cada adolescente e jovem escolher um símbolo que a representasse e replicar esse desenho de diversos tamanhos e cores em uma das paredes internas do bloco, utilizando uma tinta a base de terra preparada em conjunto com as meninas. O intuito de tal atividade foi promover um maior sentimento de pertencimento a partir da modificação daquele espaço, proporcionando autonomia, protagonismo, respeito aos significados e sensações daquela ação, também foi explicado a importância de não utilizar símbolos que pudessem representar algo que desencadeasse algum problema para elas e para o projeto.

A maioria das meninas participaram e aparentemente estavam muito animadas. Quando a pintura na parede iniciou, algumas começaram a escrever palavras e frases, os estudantes do projeto de extensão se posicionaram no intuito de explicar que existiriam outras intervenções que seriam destinadas à escrita. Entretanto, por não haver a supervisão de nenhum servidor junto a equipe e os estudantes não serem vistos como figuras de autoridade, as jovens e adolescentes continuaram escrevendo.

Não faz parte do objetivo do nosso projeto de extensão disciplinar e exercer autoridade perante as meninas, tal ação construiria um ambiente vertical, indo contra a metodologia da pesquisa que visa a autonomia e o protagonismo das meninas. Além disso, entendemos que a falta de escuta das meninas, que pôde ser observada durante a atividade, em relação aos comandos não tem como causa principal questões individuais. A maioria das jovens e adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação

não tiveram acesso a educação de qualidade, viveram em contextos familiares marcados por violações de direitos, logo, o entendimento de respeito, autoridade, limites são deturpados. (Relatório de Oficina N° 14, 2019)

Desde o momento que as meninas começaram a pintar a parede, foi observado pela equipe de estudantes que tal ação gerou desconforto nas agentes que estavam de plantão, essas servidoras chamaram a Chefe de Plantão (C2) e uma das estudantes presentes para conversar após algum tempo de realização da atividade. O intuito da conversa foi a busca por um maior esclarecimento acerca do que estava sendo realizado; a exposição de um sentimento de desgosto e desaprovação pelas agentes de plantão, em relação ao resultado do mural que as meninas produziram; o comunicado que tal fato traria consequências para o projeto de extensão e que a ação seria registrada como ocorrência para as internas que escreveram palavras ou frases que, de acordo com as agentes, eram ligadas à criminalidade.

Em resposta a demanda que essas profissionais trouxeram, foi explicado que o projeto tem a aprovação da Vara de Medidas Socioeducativas (VEMSE), foi apresentado e apoiado pelo Subsecretário do Sistema Socioeducativo do DF, passou pela supervisão da GEAD antiga e pela atual, segue um cronograma que está no sistema da Instituição desde 2018, quando demos início às oficinas. O intuito foi deixar claro para as servidoras que é um projeto sério, organizado e bem estruturado. Além disso, foi exposto o objetivo inicial daquela atividade, a questão metodológica de não interferência rígida nas ações das meninas, a incapacidade de estudantes universitários lidarem com situações de indisciplina, reforçando para as servidoras, responsáveis por essa questão, que o projeto se encontra aberto a sugestões e interferências a qualquer momento.

O diálogo foi estabelecido de forma tensa, entretanto respeitosa de ambos lados, as três servidoras que participaram da conversa possuem uma visão diferente dos estudantes do projeto em relação às meninas e ao contexto da socioeducação, elas se mostraram insatisfeitas e fechadas à escuta da interpretação da equipe acerca do que estava acontecendo. Entretanto, foi esclarecido que aquele mural era passível de mudanças para melhor adaptação às regras institucionais.

Quando as jovens e adolescentes perceberam que a atitude de escrever coisas que não estavam em consonância com o que havia sido combinado inicialmente trouxe consequências, algumas fizeram a escolha de tampar tais registros.

Iniciamos o processo de término da atividade e, como de costume, foi feito uma roda de conversa para um momento de troca de experiências.

O intuito de intervir no espaço físico de uma Unidade de internação, um local rígido e com um ideal higienista muito forte, é causar incômodo, entretanto, ficou muito evidente que essa ação teve uma repercussão muito forte nas relações humanas dentro da instituição. Proporcionar alguma mudança, tendo as jovens e adolescentes como protagonistas, sujeitos autônomos e pensantes daquela ação, traz uma simbologia que abala a estrutura de poder constituída dentro da lógica institucional entre servidoras e internas. (Relatório Oficina N° 14, 2019)

A **décima quinta** atividade foi iniciada com uma roda de conversa sobre o ocorrido da semana anterior e a socialização da resposta institucional que a equipe teve em relação ao mural com tinta de terra. Foi relatado pelas adolescentes e jovens que na mesma noite que a equipe realizou a oficina o mural foi pintado de branco novamente, ninguém perguntou para elas qual a visão que tinham sobre essa ação.

As adolescentes e jovens entendem a lógica institucional, e muitas relataram que “as agentes que mandam em tudo”. (Relatório Oficina 15, 2019)

Depois de tal conversa, foi explicado para as meninas o que era *stencil*, técnica utilizada pela arte urbana. A equipe de estudantes preparou formas que foram feitas a partir dos desenhos que as adolescentes e jovens produziram ao longo das oficinas, papéis coloridos em forma de azulejos, tinta e esponjas.

A ideia inicial era fazer a pintura com *stencil* na parede do quarto das meninas, entretanto, devido ao que ocorreu na última oficina, a atividade sofreu adaptações para se adequar melhor a instituição.

A oficina se iniciou e todas participaram. Não houve disputa, todo o material e as forminhas foram utilizadas de forma coletiva. A atividade foi finalizada com um feedback, todas gostaram e levaram os *stencils* para serem colados na parede dos quartos.

Na **décima sexta** atividade a equipe de estudantes transformou em lambes os desenhos, escritas e, principalmente, as colagens feitas pelas jovens e adolescentes ao longo das oficinas, para serem colados pelas meninas na parede do pátio externo, onde tomam sol.

A organização da atividade se deu de forma simples a partir da orientação da equipe de estudantes durante todo o processo.

A **última** oficina do projeto consistiu na intervenção com pintura de piso, as meninas fizeram o contorno dos seus corpos na parede do pátio externo do bloco 07 e o preenchimento desse corpo com desenhos de características que diferenciam cada menina, como cabelo, padrões específicos de cada corpo, entre outros.

Concomitantemente, um grupo de meninas também pintou o piso da parte de fora do bloco com pegadas.

Nesse dia, muitas meninas estavam de medida, de acordo com as participantes da oficina, e não puderam participar da atividade, fato que incomodou a equipe de estudantes, como se dá essa lógica de punir retirando atividades pedagógicas das meninas? Isso é efetivo?

A organização da oficina se deu a partir da orientação da equipe de estudantes e do revezamento dos dois grupos compostos por três meninas – enquanto três fazem o molde dos corpos, as outras três pintavam as pegadas.

Considerações Finais

Uma das características mais marcantes da Unidade de Internação de Santa Maria foi seu caráter inconstante, por se tratar de uma Unidade mista que comporta muitos adolescentes e jovens e por possuir um amplo espaço físico, fatores que não estão em consonância com as normas previstas pelo SINASE. Tal questão, repercutiu de forma intensa no andamento do Projeto de Extensão, visto que todos os dias de realização de Oficinas surgiram imprevistos, que dificultaram a realização do planejamento.

Além disso, durante todo o processo se fez necessário a negociação constante com os gestores, especialistas e agentes da UISM por conta da metodologia e objetivos adotados pelo projeto, causando diversas alterações no cronograma inicial. Porém, uma das questões mais evidentes no contexto em que o Projeto de Extensão se deu foi o constante embate entre a lógica pedagógica e punitiva, também percebido pela autora Débora Diniz em seu livro *Meninas fora da lei*. Por mais que o paradigma da Proteção Integral se estabeleça como uma barreira para tais procedimentos, que tem como base a culpabilização individual das adolescentes e jovens pelos atos infracionais cometidos, dentro da instituição o caráter corretivo das medidas se mantém, causando diversos efeitos negativos no que diz respeito às condições concretas em que as meninas vivem entremuros e também sobre suas subjetividades, onde existe o reforço à incapacidade, à baixa autoestima, causando grande sofrimento e perda de identidade.

Entretanto, de acordo as percepções do grupo de estudantes e relatos, as meninas sempre estiveram abertas para a participação das Oficinas, com isso, foi possível proporcionar de forma simples e acessível, por meio de atividades e do fortalecimento

de vínculos entre a equipe de estudantes e as jovens e adolescentes, reflexões e debates acerca daquele ambiente e das vivências individuais e coletivas das meninas. Não somente, foi possível intervir no espaço físico da Unidade, com o intuito de dar voz, autonomia e protagonismo as mesmas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. (2012). *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE*. Brasília, DF.

CARMO, Marlúcia, FREITAS, Julia, LACERDA, Litza, SILVA, Kézia, SOUSA, Gabriel. Relatórios N° 1- 6 (2018) e N ° 7-17(2019). Documento não publicado.

DINIZ, Débora. Meninas fora da lei: a medida socioeducativa de internação no Distrito Federal. – Brasília : LetrasLivres, 2017.